

**DIAGNÓSTICO E DISCURSO: INTERLOCUÇÕES ENTRE A PSICANÁLISE
LACANIANA E A ANÁLISE DE DISCURSO DE MICHEL PÊCHEUX**
*DIAGNOSTIC ET DISCOURS : INTERLOCUTIONS ENTRE LA PSYCHANALYSE
LACANIENNE ET L'ANALYSE DU DISCOURS DE MICHEL PÊCHEUX*

Theodoro Ehrlich¹
Frederico Dutra²
Fernando Hartmann³

Resumo: O artigo propõe a criação de um dispositivo de pesquisa construído na intersecção entre a Análise de Discurso de Michel Pêcheux e a psicanálise lacaniana como possibilidade de uma análise, que partindo do corpus estabelecido através do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais 5ª edição (DSM-5) proporcione uma crítica à afirmação do óbvio. Na construção deste dispositivo de análise propomos retomar a construção iniciada por Pêcheux partindo da psicanálise, considerando o conceito de sujeito dividido e gozo, em relação com a materialidade linguística que articula o materialismo histórico a materialidade significante. Este manual que se pretende uma nova língua cria transtornos, individualiza sintomas, nega a cultura, o social e a história. Defendemos que a presunção de um manual ateuíco implica em silenciamentos e esquecimentos do que possibilitou a classificação. A partir disso, a análise dos transtornos conforme nosso dispositivo se propõe a colocar em perspectiva a produção histórica dos conceitos e termos, bem como os contextos políticos, sociais, epistêmicos e científicos que embasam as renovações e atualizações classificatórias. Antes de ser uma forma de representar o mundo dos transtornos mentais trata-se da fabricação exponencial destes ditos transtornos mentais, que se utiliza abertamente dos esquecimentos 1 e 2 conforme delimitados por Pêcheux em prol do discurso dominante do capitalismo na sua mais nova versão, na qual o sujeito é comandado pelos objetos que produz, gadgets, constituindo assim formas de gozo do sentido que adquirem o consentimento e a submissão dos sujeitos a ideologia que sustenta tal discurso.

Palavras-chave: Manuais diagnósticos. Psicanálise. Discurso. Sujeito.

Resumè: L'article propose la création d'un dispositif de recherche établi à l'intersection entre l'Analyse du discours de Michel Pêcheux et la psychanalyse lacanienne comme une possibilité d'analyse, qui part du corpus établi à travers du Manuel diagnostique et statistique des troubles mentaux 5e édition (DSM-5) pour fournir une critique du dire évident. Dans la construction de ce dispositif d'analyse, nous proposons de reprendre la construction initiée par Pêcheux à partir de la psychanalyse, en considérant le concept de sujet divisé et de jouissance, en rapport avec la matérialité linguistique qui articule le matérialisme historique à la matérialité signifiante. Ce manuel, qui se veut une nouvelle langue, crée des désordres, individualise les symptômes, nie la culture, la société et l'histoire. Nous soutenons que la présomption d'un manuel athéorique implique de taire et d'oublier ce qui a rendu cette classification possible. À partir de là, l'analyse des troubles selon notre dispositif propose de mettre en perspective la production historique des concepts et des termes, ainsi que les contextes politiques, sociaux, épistémiques et scientifiques qui sous-tendent les rénovations et mises à jour de la classification. Avant d'être une manière de représenter le monde des troubles mentaux, il traite de la fabrication exponentielle de ces troubles dits mentaux, qui utilise ouvertement les oublis 1 et 2 tels que délimités par Pêcheux au profit du discours dominant du capitalisme dans sa nouvelle version, dans lequel le sujet est commandé par les objets qu'il produit, gadgets, constituant ainsi des formes de jouissance du sens qui acquièrent le consentement et la soumission des sujets à l'idéologie qui soutient ce discours.

Mots-clés: Manuels de diagnostics. Psychanalyse. Discours. Sujet

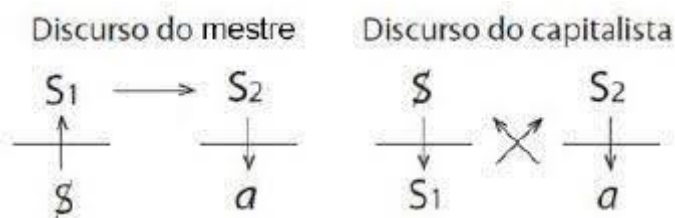
¹ Membro do Laboratório de Análise de Discurso e Psicanálise, aluno de graduação da UFRGS, orientando do Prof. Dr. Fernando Hartmann.

² Departamento de Psicopatologia e Psicanálise do Instituto de Psicologia da UFRGS, Professor do Programa de Pós-Graduação Psicanálise e Cultura da UFRGS, Coordenador do Laboratório de Análise de Discurso e Psicanálise (LADIP), Projeto de pesquisa : Sofrimento psíquico e psicopatologia: uma análise de discurso à partir do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5).

³ Professor do Departamento de Psicopatologia e Psicanálise do Instituto de Psicologia da UFRGS, Professor do Programa de Pós-Graduação Psicanálise e Cultura da UFRGS, Coordenador do Laboratório de Análise de Discurso e Psicanálise (LADIP), Projeto de pesquisa : Sofrimento psíquico e psicopatologia: uma análise de discurso à partir do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5).

O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais frente ao sujeito efeito do discurso

As transformações sociais decorrentes dos novos modos de produção, circulação e troca de mercadorias, informações e saberes pertencentes ao mundo contemporâneo alteraram a maneira de lidar com o sofrimento psíquico. Para Han (2017), a sociedade não se organiza mais nos moldes disciplinares, no sentido delineado por Foucault: “No lugar do enunciado disciplinar coercitivo (“tu deves”), imposto de fora, entra em cena o novo enunciado (“nós podemos”), o qual, em seu aspecto imanente, remete a uma falsa liberdade ao impor aos indivíduos o imperativo da realização, da mobilidade, da velocidade e da superação constantes”. (CORBANEZI, 2018). Essas mudanças, sob a ótica lacaniana, indicam que a introjeção superegoica das lógicas da sociedade contemporânea será manifesta por imperativos de gozo, de trabalho, de liberdade, de identidade, as diversas formas de positividade que afetam o sujeito. No seminário 20, Lacan postula: “*O superego é o imperativo do gozo - Goza!*” (LACAN, 1972-1973/2008, p.11). Tomemos brevemente como exemplo, para ilustrar essa transição sócio-histórica, a passagem do discurso do mestre para o discurso do capitalista:



“Começa por uma noção que já é quase convencional e que leva a distinguir entre o mestre antigo – que promovia a formação de indivíduos juridicamente regulados em sua relação com o Soberano, súditos obedientes dotados de direitos e deveres – e o mestre moderno – que incita à satisfação direta de aspirações e demandas, roçando e perfurando as linhas de fronteira (borderlines) da lei. Um mestre era aquele da repressão e um novo mestre era este, que comanda o gozo.” (BRAUNSTEIN, 2010).

O discurso capitalista, esquematizado por Lacan em seu discurso de Milão (1972), deve ser tomado como aquele que individualiza o sofrimento e exclui todo laço social. Ao fazer uma torção no eixo verdade-semblante do discurso do mestre, o autor coloca em evidência a forclusão do laço social (BADIN & MARTINHO, 2018) pois não há mais relação entre o agente e o outro, e o imperativo de consumo e gozo posto pela determinação

do sujeito pelo objeto *a*, representando os gadgets ou latusas, trabalho resultado do avanço científico do saber S2.

Neste discurso, não há relação entre o agente/semblante e o outro/gozo, por isso não faz laço social. O que se verifica é um endereçamento dos objetos de consumo, produzidos pela ciência e tecnologia (*a*) ao sujeito (*\$*), forcluindo assim o laço social (BADIN & MARTINHO, 2018).

O retorno do objeto *a* para o indivíduo do capitalismo tardio é potencializado pelos avanços científicos e tecnológicos que enviam estilhaços de voz e olhar para o mundo todo. Percebemos essa lógica pela adição do vetor diagonal que liga o lugar do produto ao do agente, onde se encontram o objeto mais-de-gozar e o sujeito respectivamente. É a isso que se refere Lacan nos anos 70. Ao restituir o que é estruturalmente perdido, o discurso capitalista produz uma ilusão de completude do sujeito, que deve ser sempre renovada pelo consumo. O consumidor crente de sua completude, ou melhor, desconhecedor de sua divisão, age como se fosse produtor de sua própria verdade, a qual na verdade é a do mestre capitalista (BRAUNSTEIN, 2010). Esse mestre se torna cada vez mais invisível e onipotente, sendo essencial o trabalho de denunciar a suposta transparência dos significantes, demonstrar que o significado é algo dado pelo social e não imanente ao falado. Nesse sentido podemos pensar os manuais diagnósticos como um desses objetos de consumo postos em movimento sob a rubrica da ciência. Ao dar um nome (ou ter um nome dado) ao seu sintoma o sujeito restitui seu mais-gozar sem precisar se defrontar com o social (agora abolido) do qual decorre seu sofrimento. Concluímos a partir disso que as transformações do tecido social produziram uma profunda alteração na forma do sujeito encarar seu sintoma, se relacionar com seu sofrimento e as narrativas formadas a partir dele.

Essas transformações causaram mudanças na própria forma de conceber a psicopatologia, com as categorias de orientação psicodinâmica sendo progressivamente retiradas dos manuais psiquiátricos. As duas grandes categorias da neurose, a histeria e a neurose obsessiva, foram objetificadas e catalogadas em transtornos diversos como obsessivo-compulsivo, somatoformes, dissociativos e transtorno de personalidade histriônica. Além disso, recentemente há um esforço conjunto de grandes instituições para encontrar marcadores biológicos para os transtornos mentais. A partir da adoção de uma primazia dos fatores fisiológicos, tentamos criar uma estabilidade específica que não precisaria considerar o ambiente para descrever a etiologia dos transtornos. Fisher (2020) defende que a ideologia neoliberal - predominante no capitalismo tardio - sustenta a individualização tanto das causas quanto da solução dos efeitos nefastos que a decadência capitalista contemporânea causa na

psique dos indivíduos, onde o discurso e a prática psi surgem enquanto ferramentas essenciais. O autor argumenta que apesar de uma doença possuir uma instância neurológica/neuroquímica, isso não define as suas causas, a sua dimensão etiológica - sustentar a posição de que os distúrbios mentais são exclusivamente problemas bioquímicos é conveniente para a manutenção da lógica capitalista.⁴

No lugar da psicopatologia estrutural, constatada pela teoria freudiana, atualmente encontramos como discurso dominante o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais 5ª edição (DSM-5), organizado pela American Psychiatric Association, que compila comportamentos e sintomas em transtornos e critérios diagnósticos. O DSM é um sistema classificatório multi-axial amplamente utilizado na prática clínica e na pesquisa em saúde mental. Ele sintetiza os transtornos mentais em divisões e categorias, com o objetivo de fornecer uma estrutura sistemática para o diagnóstico e a compreensão dessas condições.

A psiquiatria em curso no DSM não pretende constituir-se como uma psicopatologia estrutural, pois as classes não são definidas por regras de formação estáveis (princípio da convencionalidade operacional) e as ordens não se conectam com lógicas causais (princípio da exclusão etiológica). Daí as crônicas dificuldades classificatórias de elevadas consequências clínicas. Há um crescimento desmesurado do número de categorias diagnósticas que responde a uma demanda não apenas de medicamento e alívio, mas de sentido (DUNKER & NETO, 2011).

O DSM é tido como a “bíblia” da psiquiatria (KUTCHINS & KIRK, 1997; HORWITZ, 2021), comparação que se justifica por 3 questões: pela sua autoridade discursiva, determinando os transtornos e delimitando os seus critérios; pela questão da interpretação, dado que, por se propor ser ateórico, está sujeito a leituras diferentes conforme quem as realiza; pela questão da controvérsia - consequência direta das diferentes interpretações possíveis e da instabilidade de validação dos diagnósticos produzidos. O DSM-5 é, portanto, um manual diagnóstico e estatístico, que subsidia a Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da Classificação internacional de doenças (CID-11), da Organização Mundial da Saúde (OMS), sendo esta a diagnóstica utilizada na maioria dos hospitais, clínicas, consultórios públicos ou privados do Brasil e do mundo. Portanto, esta forma de tratar o sofrimento mental tem sérias implicações na maneira como a sociedade se organiza, bem como na forma como ela trata suas vulnerabilidades. Neste sentido, a forma como o discurso dominante modifica a maneira com que as patologias mentais são descritas influencia de

⁴ Damos crédito à Júlia Pereira Rodrigues por sua contribuição acerca da teoria de Fisher, encontrada no texto “O significativo vazio no discurso sobre o Transtorno de Personalidade Borderline”. A produção de seu trabalho foi concomitante ao presente artigo, no LADIP.

forma decisiva como os sujeitos lidam com suas experiências de sofrimento e suas expectativas de vida. A própria noção do patológico compreende uma norma social, uma orientação dada por quem a classifica. Quando pensamos no patológico dentro do universo dos campos que estudam a psique, isso se torna ainda mais complexo pois tratará de comportamentos, fenômenos, pensamentos e crenças dos indivíduos. Conforme Canguilhem:

Não há patologia objetiva. Podem-se descrever objetivamente estruturas ou comportamentos, mas não se podem chamá-los de patológicos com base em nenhum critério puramente objetivo. Objetivamente, só se podem definir variedades ou diferenças, sem valor vital positivo ou negativo (CANGUILHEM, 2011, p. 164).

A partir disso, a psicopatologia passa a determinar quais condições de existência psíquicas dos sujeitos será normal e quais serão desordens. O termo transtorno mental remete a um problema próprio da mente, de um indivíduo, algo interno fechando toda a cadeia associativa que a doença tem com a narrativa do sujeito sobre si e o mundo. A psicopatologia que encontramos nos manuais diagnósticos, a partir da noção de desordem mental, coloca o sintoma não mais como efeito, mas sim como causa. Para o manual é o sintoma (comportamento, pensamento, fenômeno classificado nos critérios diagnósticos) que causa o transtorno, seria como a febre causar a inflamação.

Dado que propomos uma pesquisa centrada no campo discursivo, colocamos em questão o que o DSM representa em termos de um discurso. No seminário 17, Lacan (1969-1970/1992, p.72) nos diz que a *“referência de um discurso é aquilo que ele confessa querer dominar, querer amestrar”*. Nesse sentido, quanto ao DSM, destacamos (1) sua aspiração a colocar-se para o campo da psicopatologia, como uma forma de “classificação” consensual, convencional e tendencialmente desambiguadora (ao modo de um código de linguagem) e (2) sua aspiração a constituir-se em um “ordenamento” da natureza regular, exaustivo e universalizável (ao modo de um código jurídico) das modalidades do psicopatológico (DUNKER & NETO, 2011). As implicações das aspirações constatadas constituem a natureza discursiva do manual. O DSM se pretende neutro (sem ideologia) e ateu (sem discurso dominante). Retomando a correlação com a Bíblia, é um texto em que há a pretensão de apagamento da posição enunciativa na qual foi estabelecido, ficam apenas os enunciados, pretendidos convencionais e naturalizados. Quando é trazido algum dado científico, é sempre sem referência de origem, não consta qual é a revista onde a pesquisa foi publicada, quais foram os autores, em que local e data ela foi realizada. Essa falta de referência impossibilita o resgate histórico e contextual do dado. Tudo se apresenta como se não existisse sujeito da enunciação, o dado simplesmente é tido como o próprio real -

ocorrendo o apagamento da diferença entre o mundo em si e a representação do mundo. Apesar de existirem grupos de trabalho, o manual não se propõe a relacionar quem escreveu e quais pesquisas subsidiam cada transtorno classificado, justamente na tentativa de manter uma pretensa neutralidade do escrito:

Problematizar a impossibilidade de neutralidade de um manual como esse, é colocar em questão quem fala, quem institui as categorias clínicas e como se instituem as formas de sofrimento, trata-se de pensar justamente no sujeito da enunciação. Para a psicanálise o sujeito é dividido, entre sujeito da enunciação, o sujeito da fala e do momento da enunciação, e o sujeito do enunciado, aquilo que já foi dito e produz sentidos. Nesse sentido para a Psicanálise, aquele que faz um diagnóstico acaba sempre fazendo parte do diagnóstico que faz (HARTMANN, 2022).

Entendemos que os enunciados inscritos no DSM propõe uma tentativa de mapeamento conceitual, onde todo comportamento e sintoma deve estar catalogado e nenhum fenômeno ligado ao sofrimento psíquico humano ser deixado de fora. Essa tentativa passa por contínua elaboração e reelaboração de “fronteiras nosológicas”, catalogadas a cada edição do DSM. Desta forma, algumas fronteiras se redefinem por extensão de alcance de um tipo anterior, como o autismo, que se torna “espectro”, de modo a cobrir certos fenômenos de comportamento antes deixados de fora (ALVES, 2022). Sobre isso, encontramos na introdução do DSM-V o reconhecimento de que os limites entre os transtornos (fronteiras nosológicas) são muito mais permeáveis do que se percebia anteriormente (nas edições anteriores do manual) - uma aproximação cada vez maior ao caráter dimensional ao invés do categorial, cumprindo a função de compilar muitos fenômenos sob um nome.

Nosso trabalho se desenvolve a partir da colocação do DSM frente ao sujeito tido como efeito de discurso, oriundo da noção de sujeito dividido pelo objeto “a”, causa do desejo, designando a impossibilidade de separar o ato de seu produto. Em Lacan, a noção de sujeito é clivada entre enunciação (ato) e enunciado (produto), divisão que nos permite, por exemplo, criticar o apagamento da posição enunciativa nos manuais diagnósticos. Trabalhamos com a hipótese de que há um processo em que o sujeito se submete ao gozo do sentido, isto é, se filia a discursos que conferem sentido, reconhecimento, à sua vida efêmera e possibilitam, assim, um alívio da angústia por meio de gozo. Estes discursos tomam formas diferentes, mas compartilham a característica de permitir que o sujeito *exceda o momento do evento unidade única do ato pela via da representação*” (HARTMANN, 2023. p. 78). Dissemos submissão, pois este processo deixa o sujeito fixado ao discurso dominante, ao mesmo tempo que surdo aos outros discursos subjacentes, que embora relacionados ao dominante não carregam a mesma visibilidade e poder e que o podem contestar. Uma das

possibilidades da análise de discurso é mostrar os outros discursos que ficam apagados frente ao dominante, o que de certa forma implica evidenciar a ideologia escondida e o discurso dominante implícito.

Elaboração do dispositivo de análise na intersecção entre a Psicanálise e Análise de Discurso

Buscamos construir um dispositivo de análise que considere a base teórica da Análise de Discurso tal qual postulada por Michel Pêcheux e a psicanálise teorizada por Jacques Lacan. Michel Pêcheux, constrói um dispositivo de Análise de Discurso (AD) considerando primeiramente e principalmente as relações da linguagem com a ideologia. No decorrer do desenvolvimento teórico da AD ele vai introduzindo a psicanálise, compondo assim a tríade com a linguística e o materialismo histórico. Na construção deste dispositivo de análise propomos retomar esta construção iniciada por Pêcheux partindo da psicanálise, considerando o conceito de sujeito dividido e gozo, para então encontrar o materialismo histórico e a linguística compondo assim as três bases de sustentação para constituição de um dispositivo de pesquisa que se diferencie da análise de conteúdo.

Uma das questões importantes ao relacionar AD e Psicanálise é a consideração da materialidade linguística que se articula ao materialismo histórico e a materialidade significativa tal qual formulada por Lacan. Sendo justamente a articulação entre estas materialidades como objetos discursivos o que proporciona os efeitos de sentido, a busca de reconhecimento, pois segundo Lacan o sentido é o imaginário, o que proporciona a consistência do “Eu” e consequentemente o que podemos chamar na teoria psicanalítica de gozo do sentido. Imaginário, sentido e gozo são conceitos que se entrelaçam e proporcionam pensar a ideologia como resultado da articulação dos objetos discursivos com a dominância transitória de algumas articulações destes objetos de discurso marcados em determinado tempo e espaço. Lacan vai relacionar o conceito marxista de mais-valia ao conceito de mais-gozar considerando este como uma perda inerente ao processo, o que se perde do ato na constituição do produto, mas também a perda do ato na representação deste quando interpretamos o produto deste ato. O gozo implica uma perda irreparável, uma certa destruição que possibilita a Lacan ligar o conceito de gozo à pulsão de morte freudiana.

O significativo como marca material simbólica no mundo feita pelos humanos é o produto do sujeito da enunciação em ato. Esse é um ponto essencial na relação da psicanálise com a análise de discurso tal qual elaborada por Michel Pêcheux, tendo em vista que este

busca justamente o conceito de sujeito da psicanálise para contrapor ao conceito de indivíduo, indivisível. O sujeito dividido diz que o ato e o produto deste ato estão diretamente e inevitavelmente relacionados no mesmo tempo e espaço em camadas que se afetam continuamente, mas que não são a mesma coisa, pois justamente a impossibilidade de juntar os dois nos leva a um real da história onde a matéria carrega algo do sentido. A história não está no passado, ela é sempre presente, ela é a forma como a materialidade simbólica afeta os sujeitos. Para Pêcheux, da psicanálise, interessava a questão do sujeito como efeito de discurso, isto é, “o sujeito como efeito da linguagem enquanto realização do simbólico” (HENRY, 1977/2013, p. 180-181) articulado ao caráter material do sentido. Essa combinação nós encontramos na materialidade do significante postulada por Lacan e na articulação de que “um significante é o que representa um sujeito para outro significante” (Lacan, 1970/2003, p.45).

Os sentidos das palavras mudam “*segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam*” (PÊCHEUX, 1975/2014c, p. 146-147, grifo do autor). Isso significa que o sentido constitui-se na referência, direta ou não, às posições ocupadas, num contexto sócio-histórico dado, pelos interlocutores em um processo discursivo. Tal referência dá-se pelas formações ideológicas (FIs), isto é, pelas relações de contradição, dominação e subordinação existentes no interior de uma prática social determinada em uma dada conjuntura sócio-histórica. As formações discursivas (FDs), nesse sentido, dizem respeito àquilo em que, relativamente a um conjunto de enunciados, objetos, conceitos, temas, pode-se discernir uma regularidade (FOUCAULT, 1969/2008). Ou ainda, conforme Pêcheux (1975/2014c, p. 147, grifo do autor), uma FD é aquilo que “*determina o que pode e deve ser dito*”, representando, no interior do discurso, as FIs.

Outra tese da Análise de Discurso é a de que “*toda formação discursiva dissimula, pela transparência do sentido que nela se constitui, sua dependência com respeito ao ‘todo complexo com dominante’ das formações discursivas*” (PÊCHEUX, 1975/2014c, p. 148-149, grifo do autor). Esse “todo complexo com dominante das formações discursivas” é o que o autor denomina interdiscurso, a memória discursiva, aquilo que “fala sempre antes, em outro lugar e independentemente” (PÊCHEUX, 1975/2014c, p. 149).

A partir dessa tese podemos compreender o modo como o autor aborda o funcionamento da ideologia e como esta se materializa na língua. Dois “esquecimentos” fundamentais organizam e possibilitam esse funcionamento. O esquecimento nº 2, da ordem do sentido e da enunciação, diz do fato de que, no discurso comum, ao dizermos,

“recalcamos, recusamos, foracluimos” que esse dizer sempre poderia ser outro, que o modo de dizer implica um sentido e não outro. Esse esquecimento é responsável por garantir a ilusão da transparência da linguagem e possibilitar a evidência de uma relação direta entre o pensamento, as palavras e o mundo. Já o esquecimento nº 1, da ordem da interpelação do indivíduo em sujeito, diz respeito à evidência do indivíduo-sujeito, ao modo como o eu concebe a si mesmo como origem de suas palavras e de seu sentido. Consequência, portanto, do processo de assujeitamento e de sua impossibilidade de reconhecimento pelo sujeito na linguagem. Simultaneamente, no entanto, condição de possibilidade de qualquer sujeito, uma vez que, conforme Lacan (1973/2008, p. 184), “o sujeito só é sujeito por ser assujeitamento ao campo do Outro, o sujeito provém de seu assujeitamento sincrônico a esse campo do Outro”.

É importante ressaltar, no entanto, que se a análise permite descrever e interpretar um processo discursivo, no interior de uma prática social inscrita numa conjuntura sócio-histórica determinada, através da sua inclusão em um *corpus*, ela também permite entrever que “todo discurso é o índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-históricas de identificação” (PÊCHEUX, 1988/2015b, p. 56). Isso significa que, mesmo remetendo o discurso à noção de FD, não se pode reduzir o acontecimento do discurso à repetição e, assim, perdê-lo pela sua dissimulação em uma estrutura. Desse modo, essa perspectiva, ao recusar a transparência da linguagem e a evidência do sujeito, busca divisar, na produção de sentidos em sua materialidade linguístico-discursiva, o trabalho da ideologia, do imaginário e da história, sem, no entanto, deixar de considerar a falha, o deslocamento, o inconsciente e a ruptura constitutivos daquilo que fala no sentido. Portanto, em uma palavra nós podemos ter: 1) as letras, a forma como ela é organizada, estruturada, ou seja, o simbólico; 2) o sentido que esta palavra pode suportar, o seu significado em uma determinada comunidade, que se refere ao imaginário; 3) e o equívoco de que a palavra não encerra nem o que é a coisa em si e nem o que ela significa, o que seria da ordem do real (HARTMANN, 2012).

A questão principal é que os sintomas necessitam ser nominados para terem existência no mundo e neste sentido precisamos primeiramente entender o que é um ato de nomeação. Partimos do pressuposto de que o ato de nomear, além de uma visão taxonomista das relações entre as palavras isoladas e as coisas é uma prática discursiva. A relação da linguagem com o mundo é constitutiva do processo semiótico e as designações descritivas visadas pelo discurso são transitórias. As palavras não são etiquetas penduradas no referente. Propomos aqui empregar o termo denominação em uma perspectiva o mais longe possível de uma visão taxonomista das relações entre palavras isoladas e os fenômenos. A análise semântica é

inseparável de uma análise de discurso, porque é somente no corpus construído que podemos observar os traços reais da atividade de denominação e mostrar que esta atividade serve menos para designar fragmentos da realidade do que os nomear em função das experiências sociais e práticas políticas. Paul Siblot denuncia os dicionários e poderíamos acrescentar os manuais de transtornos mentais como artefatos que extraem palavras do discurso para fabricar uma língua que não existe em nenhum lugar. Um termo, uma palavra, é uma ferramenta que permite a produção de sentido, mas é somente por abuso que podemos falar de seu significado.

Os manuais buscam a estabilização do sentido, neste aspecto a noção de formação discursiva permite relacionar os enunciados e suas condições sócio-históricas de formação. Uma formação discursiva determina o dizível. O sentido se constitui no interior de uma formação discursiva e as palavras mudam de sentido mudando de formação discursiva. Uma formação discursiva somente tem sentido bordada pelo que lhe é exterior, de tal forma que podemos retomar pontos de tensão polêmicos nas suas fronteiras, o que claramente demonstra a necessidade extrema dos diagnósticos diferenciais listados no DSM. Uma denominação implica a referência do enunciado a uma ordem diferente, que é a ordem da realidade, um extralinguístico. Um realismo próprio é reconhecido na categoria nominal. Podemos referir três categorias de mundo de acordo com a linguagem: o mundo em si, que é o real e pode ser marcado linguisticamente com um traço, imagem, qualquer marca que possa ser feita pelo sujeito da enunciação e assim ser relacionada a um sistema simbólico. O mundo representante, que é o mundo da palavra, do próprio simbólico. O mundo representado que é o imaginário, o sentido, que deriva, da relação que cada marca pode ter com os discursos vigentes. No caso dos diagnósticos, nós temos um fenômeno no mundo que pode ser nomeado de várias formas, mas precisamos delimitar este fenômeno, diferenciar de outros fenômenos, especificar, e se fazemos isso através do discurso, nós de fato quando nomeamos, não estamos representando somente o fenômeno e sim o constituindo como objeto discursivo, o que necessariamente vai afetar a realidade dos sujeitos.

O mundo em si e a representação que fazemos do mundo através de uma língua são duas entidades heterogêneas. O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais 5 (DSM-5) visto como uma prática de nominação e classificação de sintomas e comportamentos é mais uma forma de criação do transtorno mental do que uma forma de designação de um fenômeno que existe no mundo independente da linguagem. Além disso, o que fica evidente em uma forma textual como o manual DSM é o apagamento dos rastros do sujeito da

enunciação na classificação dos transtornos mentais, visto que em nenhum lugar está descrito as condições de produção, a história, cultura e época na qual se constitui as referidas denominações psicopatológicas, nem mesmo as pesquisas que sustentam a cientificidade da classificação diagnóstica são referidas no manual.

Como diz Lacan na última lição do Seminário “Momento de concluir”⁵, entre o real e o imaginário tem uma lacuna, uma distância, que é justamente a qual o simbólico ocupa. Todo o desenvolvimento dos nós borromeanos foi justamente para ressaltar que não se trata de várias representações da coisa em si, mas várias apresentações do mundo vivido e transformado pelo humano. Neste mesmo seminário ele refere o livro de Paul Henry “Linguagem: ferramenta imperfeita”, esta é a questão que nos interessa, a linguagem é uma lacuna a partir da qual construímos o mundo humano, não se trata de representação, espelho, se trata de marcar a distância entre o real e o imaginário. Os transtornos descritos no DSM são a tentativa de preencher essa lacuna entre o real e o imaginário. O problema é que não tem como preencher essa lacuna sem aumentar a distância entre real e imaginário, entre significante e significado. O real se lê. O visível é o que consiste o saber, este por sua vez é gozo e por esta via chegamos a ideologia.

Aproximações de Análise do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais

Levantamos a hipótese de que o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais 5 (DSM-5) visto como uma prática de nominação e classificação de sintomas e comportamentos é mais uma forma de criação do transtorno mental do que uma forma de designação de um fenômeno que existe no mundo independente da linguagem. Além disso, o que fica evidente em uma forma textual como o manual DSM é o apagamento dos rastros do sujeito da enunciação na classificação dos transtornos mentais, visto que em nenhum lugar está descrito as condições de produção, a história, cultura e época na qual se constitui as referidas denominações psicopatológicas, nem mesmo as pesquisas que sustentam a cientificidade da classificação diagnóstica são referidas no manual. Neste sentido, podemos, por exemplo, questionar como as FDs e FIs se articulam na nomeação dos transtornos listados no DSM, qual é o discurso dominante, quais os apagamentos que se apresentam através dos objetos discursivos apresentados neste manual. Qual discurso e formas de gozo são

⁵ Jacques Lacan, Seminário inédito «Le moment de conclure» 1977/1978. Publicação fora de comércio da Association Lacanienne Internationale.

implicados neste objeto? Propomos assim um dispositivo de pesquisa que viabilize a análise de discurso de cada transtorno classificado no manual.

Nosso trabalho almeja complexificar a noção de que “*devemos buscar uma descrição pura e sistemática dos transtornos mentais sem preconceitos teóricos. Um diagnóstico atóxico*” (APA, 1994). Entendemos que a presunção de um manual atóxico implica em silenciamentos e esquecimentos⁶, no apagamento de todo pré-construído que possibilitou aquela classificação. Afinal, nossa hipótese é de que o DSM configura um discurso e segundo Pêcheux ([1975] 1997) não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia. A análise dos transtornos conforme nosso dispositivo têm efeito arqueológico, na medida em que põe em perspectiva a produção histórica dos conceitos e termos. O DSM é editado pela APA desde 1952 e, a cada nova edição, as mudanças empregadas refletem movimentos políticos, sociais, epistêmicos e científicos que embasam as renovações e atualizações classificatórias. Desde seu início, o DSM passou por 5 novas edições, aumentando exponencialmente o número de transtornos listados em cada edição:

- DSM I (1952) - 112 transtornos listados;
- DSM II (1968) - 178 transtornos listados;
- DSM III (1980) - 259 transtornos listados;
- DSM IV (1994) - 297 transtornos listados;
- DSM V (2013) 450 transtornos listados.

O que pretendemos ao propor um dispositivo de pesquisa construído na intersecção entre a Análise de Discurso de Michel Pêcheux e a psicanálise lacaniana é a possibilidade de uma pesquisa que partindo do corpus estabelecido através do DSM-5 proporcione uma crítica à afirmação do óbvio. Este manual que se pretende uma nova língua cria transtornos, individualiza sintomas, nega a cultura, o social e a história. Antes de ser uma forma de representar o mundo dos transtornos mentais trata-se da fabricação exponencial destes ditos transtornos mentais, que se utiliza abertamente dos esquecimentos 1 e 2 conforme delimitados por Pêcheux em prol do discurso dominante do capitalismo na sua mais nova versão, na qual o sujeito é comandado pelo objetos que produz, gadgets, constituindo assim formas de gozo do sentido que adquirem o consentimento e a submissão do sujeito a ideologia que sustenta tal discurso.

⁶ Nos referimos aos Esquecimentos 1 e 2 em Pêcheux.

Referências

- ALVES, W. Diagnóstica, uma questão discursiva. In P. Chiaretti, J. Santana, & M. Barbai (Orgs.), *Discurso e Saúde: hegemonia de sentidos, corpo e sujeito* (pp. 127-143). São Carlos: Pedro & João Editores, 2022.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (1ª ed.). Washington, DC: APA, 1952.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (2ª ed.). Washington, DC: APA, 1968.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (3ª ed.). Washington, DC: APA, 1980
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. *DSM-IV: Manual de Diagnóstico e Estatística das Perturbações Mentais* (1ª Ed.). Lisboa: Climepsi Editores, 1994.
- AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Cordioli, A. V. Silva, C. T. B. da, Passos, I. C., Kieling, C., & Barcellos, M. T. *DSM-5—Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais* (5a edição). Porto Alegre: Artmed, 2014.
- BADIN, R; MARTINHO, M. H. *O discurso capitalista e seus gadgets*. Trivium, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 140-154. 2018. <http://dx.doi.org/10.18379/2176-4891.2018v2p.140>.
- BRAUNSTEIN, N. O discurso capitalista: quinto discurso? O discurso dos mercados (PST): sexto discurso? *A peste*, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 143-165, jan./jun. 2010
- CANGUILHEM, G. *O normal e o patológico*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001
- CORBANEZI, E. R. Han, Byung-Chul. Sociedade do cansaço. *Tempo Social*, São Paulo, 30(3), 335-342. Universidade de São Paulo. 2018 <https://doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2018.141124>
- DUNKER, C., & KYRILLOS NETO, F. *A psicopatologia no limiar entre psicanálise e a psiquiatria: estudo comparativo sobre o DSM*. Vínculo, São Paulo, 8(2), 1-15. 2011.
- DUNKER, C., et al. *Análise psicanalítica de discursos: perspectivas lacanianas*. Estação das Letras e Cores, 2016.
- FISHER, M. *Realismo Capitalista: é Mais Fácil Imaginar o fim do Mundo do que o fim do Capitalismo?*. Editora Autonomia Literária, 2020
- GOES, I. et. al. O trauma e o ideal neoliberal: Uma reflexão acerca dos efeitos do discurso capitalista. *Deslocamentos/Déplacements*: revista franco-brasileira interdisciplinar de psicanálise e ciências sociais, Rio Grande, 1(2), 139–155. 2020 <https://periodicos.furg.br/des/article/view/12024>
- HAN, B. *Sociedade do cansaço*. (2ª ed.). Petrópolis: Vozes, 2017.
- HARTMANN, F. L'imaginaire c'est le sens. Quelques remarques sur la théorie de Jacqueline Authier Revuz. In *La Revue Lacanienne*, n.11, Toulouse, Editions érès, 2012.
- HARTMANN, F. Diagnóstico, Discurso e Nomeação. In P. Chiaretti, J. Santana, & M. Barbai (Orgs.), *Discurso e Saúde: hegemonia de sentidos, corpo e sujeito* (pp. 91-108). São Carlos: Pedro & João Editores, 2022.
- HARTMANN, F. *Retorno à caverna de Platão: uma crítica psicanalítica ao sujeito na modernidade*. São Paulo: Zagodoni, 2023
- HENRY, P. (1977) *A ferramenta imperfeita: língua, sujeito e discurso*. Campinas: Unicamp, 2013
- HORWITZ, A. V. *DSM: A history of psychiatry's bible*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2021.

- JORGE, M. A. C. Discurso e liame social: apontamentos sobre a teoria lacaniana dos quatro discursos. In D. Rinaldi & M. A. C. Jorge (Orgs.) *Saber, verdade e gozo: Leituras de O seminário, livro 17, de Jacques Lacan*. (pp. 17-32) Rio de Janeiro: UFRJ. 2002
- KUTCHINS, H & KIRK, S. A. *Making us crazy: DSM: the psychiatric bible and the creation of mental disorders*. Free Press, 1997
- LACAN, J. *O Seminário, livro 17: O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- LACAN, J. *O Seminário, livro 20: Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- LACAN, J. *Seminário inédito «Le moment de conclure»* 1977/1978. Publicação fora de comércio da Association Lacanienne Internationale. 1978
- ORLANDI, E. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2005.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. UNICAMP, 1997.
- PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento?*. Campinas: Pontes Editores, 2015.
- SIBLOT, P. De la d é nomination à la nomination Les dynamiques de la signifiante nominal et les propre du nom, in *Cahiers de prax é matique* n.36 Montpellier Publications de l'Université de Montpellier 3, p.189 214. 2001.

Recebido em: 13/08/2023; **Aceito em:** 15/08/2023.